

## A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR NESTE MOMENTO DE PANDEMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES

Data de aceite: 27/07/2021

### **Solange Melo Gomes Macêdo**

Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação  
pela Faculdade Vale do Cricaré  
São Mateus – ES

### **Anilton Salles Garcia**

Doutor em Engenharia Elétrica pela  
Universidade Estadual de Campinas  
Campinas – SP

### **Eliana Bayerl Moreira Bahiense**

Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação  
pela Faculdade Vale do Cricaré  
São Mateus – ES

### **Gerlian Bastos Livramento**

Mestrando em Ciência, Tecnologia e Educação  
pela Faculdade Vale do Cricaré  
São Mateus – ES

### **Kêmeron Chagas dos Reis Almeida**

Mestrando em Ciência, Tecnologia e Educação  
pela Faculdade Vale do Cricaré  
São Mateus – ES

### **Isabella Oliveira Serafini**

Especialista em Alfabetização e Letramento /  
Educação Especial Inclusiva pela Universidade  
Norte do Paraná  
Londrina – PR

**RESUMO:** Este Artigo Científico propõe fazer algumas considerações acerca do processo de precarização do trabalho do professor nestes tempos de pandemia pelo novo coronavírus. Para

a realização da pesquisa, foi feito um apanhado de algumas obras de investigação no arcabouço educacional publicados nos últimos anos, as quais se relacionam com o tema em apreço e achados nas plataformas do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), do Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A pesquisa destaca uma importante, e extremamente necessária, análise sobre os perigos e os riscos que acompanham os procedimentos que precarizam o trabalho e os percalços na vida do professor (seu adoecimento!) nestes tempos de pandemia. Compreende-se, à luz dos dados apurados, que os profissionais da área da educação mostram sofrer agravos gradativos em sua saúde emocional por consequência do estresse, do esgotamento nervoso, da falta de uma alimentação sistemática e equilibrada e da ausência da prática de esportes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia. Trabalho. Professor. Coronavírus.

### PREACARIZING THE TEACHER'S WORK AT THIS TIME OF PANDEMIC: SOME RELEVANT CONSIDERATIONS

**ABSTRACT:** This Scientific Article proposes to make some considerations about the process of precarization of the work of the teacher in these times of pandemic by the new coronavirus. In order to carry out the research, a survey of some research works in the educational framework published in recent years was made, which relate to the topic under consideration and found on the platforms of the Scientific Electronic Library Online (SciELO), from Bank of Theses and

Dissertations of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (IBICT). The research highlights an important, and extremely necessary, analysis of the dangers and risks that accompany the procedures that precarize work and the setbacks in the teacher's life (his illness!) In these pandemic times. It is understood, in the light of the collected data, that the professionals of the education area show to suffer gradual aggravations in their emotional health due to stress, nervous exhaustion, the lack of a systematic and balanced diet and the absence of sports.

**KEYWORDS:** Pandemic. Work. Teacher. Coronavirus.

## 1 | INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus, que obrigou a população a administrar o processo de distanciamento e isolamento social, traz consigo, também, inúmeras incertezas para as pessoas, inclusive em relação à instabilidade emocional, alterando substancialmente a vida de várias categorias profissionais. Entre elas está a categoria de educador. Assim, pois, o vírus da covid-19 tem imposto à sociedade mudanças no modo de interação.

Dentro desse contexto social, o professor adquiriu atribuições diferentes, as quais vão além do domínio de seus conteúdos e das estratégias pedagógicas que envolvem o procedimento da aprendizagem para os seus alunos. A este profissional foi “empurrada” a responsabilidade, em um curto espaço de tempo, de dominar os instrumentos para realização do ensino remoto. Vale destacar já, que as ferramentas online são a base desta nova forma de ensinar e também é preciso, para tanto, provocar o despertar do interesse dos estudantes, que também enfrentam os dilemas das restrições sociais. Soma-se a isso o fato de o professor ter que adaptar conteúdos, participar de reuniões virtuais fora do seu horário de trabalho e ainda estruturar seu espaço domiciliar para o atendimento virtual, com dispositivos equipados com câmera e microfone, além de um acesso adequado a Internet. É muita coisa!

A manutenção obrigatória e preventiva do distanciamento social, o enorme volume de mortes, o acúmulo das tensões emocionais e as exigências pela otimização das atividades laborais caracterizam um estado de doenças psíquicas como “[...] ansiedade generalizada, depressão, pânico e distúrbios de somatização [...]” (BARROS, 2019, p. 81). E isto contribui fortemente para que o trabalho docente seja precário e deficiente. Os novos modelos de trabalho têm causado problemas emocionais, com instabilidade psicológica, que afeta também o corpo (a psicossomatização) do educador, deixando-o no limite de sua capacidade. Com a imposição dessa realidade, a discussão se atém, quase que totalmente, simplesmente “[...] às questões da educação à distância, do ensino remoto, da validação das horas e das cargas didáticas (BARROS, 2019, p. 81).

Assim, o que ocorreu é que a vinda da pandemia e do isolamento social apressaram um procedimento que já estava em voga, com a inserção mais intensa das tecnologias de informação e comunicação em exercício e interação educacional. À semelhança de

outras transformações que, inicialmente, se mostraram como exceções, em virtude da crise sanitária estabelecida, o trabalho remoto da educação também está tendente a tornar-se permanente e contínuo, chegando à generalização (CATINI, 2020).

As tensões não são pequenas. E muito menos dignas de serem ignoradas. Isso diante de tantos desafios na atualidade. A presença de um vírus – um dos mais mortais de toda a história humana –, com a possibilidade de não imunização, mesmo com a vacina, que, diga-se de passagem, no Brasil vem a passos muito curtos, a convivência com a possibilidade de desemprego para a categoria, como ocorre com outras categorias, conduzem o professor às queixas de doenças emocionais e físicas. Junto vem a pressão por maior produção que os gestores exigem, pois aumenta o tempo no preparo de aulas e deve-se separar tempo necessário para o atendimento sistemático aos estudantes.

Esta instituição da crise é mesmo uma espécie de ápice, ou quase ele, pois pode ficar pior, em função das dificuldades que já caminham a décadas na sociedade, sabendo-se que,

[...] a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. [...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade (SANTOS, 2020, p. 5-6).

O estresse da modernidade incide diretamente na profissão de professor, impondo-lhe uma vulnerabilidade considerável, com propensão à aquisição de inúmeras doenças e comprometendo, com isso, o nível de motivação e o desenvolvimento de suas ações profissionais, conduzindo, como consequência, ao comprometimento da autoestima e à descaracterização da identidade docente (BARROS, 2019).

Precarizar o trabalho se mostra uma estratégia política e econômica estruturada dentro do sistema capitalista e que envolve métodos de terceirização, com o fomento do desemprego, pagamento de salários irrisórios, expropriação do tempo do trabalhador, com a imposição de horários estafantes e, em não poucos casos, sem intervalos. O vírus e a pandemia trazem consigo a imposição de um procedimento de quarentena. Diante disso, pergunta-se: quais são os trabalhadores que podem se isolar e manter os mesmos recursos para a sua subsistência e da sua família? Que trabalhadores têm estabilidade, exercendo a sua função remotamente? (SOUZA, 2017).

Deste modo, o que se configura, de acordo com Santos (2020, p. 17), é que,

[...] O que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia-a-dia para viver dia-a-dia? Arriscarão desobedecer à quarentena para dar de comer à sua família? Como resolverão o conflito entre o dever de alimentar a família e o dever de proteger as suas vidas e a vida desta? Morrer de vírus ou morrer de fome, eis a opção.

Apresentando este quadro, que se se descortina e se mostra um tanto obscuro para a classe trabalhadora do magistério, o objetivo do presente artigo é fomentar a discussão

do processo de precarização do trabalho do professor, levantando algumas considerações, diante da situação de pandemia vivida atualmente. Foram utilizadas como fontes de pesquisa bibliográfica produções acadêmicas dos últimos anos que se destacam na discussão sobre o assunto aqui em voga e achados nas plataformas do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), do Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A pesquisa destaca uma importante, e extremamente necessária, análise sobre os perigos e os riscos que acompanham os procedimentos que precarizam o trabalho e os percalços na vida do professor (seu adoecimento!)

É bem interessante observar, diante das dúvidas e dilemas que todos passam, que,

[...] de acordo com pesquisas da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE), ocasionam sobrecarga psíquica responsável pelo estresse, por doenças e perturbações que vão do esgotamento à hipertensão e de depressões a até neuroses e psicoses. Há ainda os que ocasionam problemas físicos provocados pela falta de exercícios e de alimentação adequada, o que tem permitido caracterizar um quadro de doenças profissionais da categoria do magistério (MARINHO, 2020, s.p.).

Os profissionais da área da educação mostram sofrer agravos gradativos em sua saúde mental por consequência do estresse, do esgotamento nervoso, da falta de uma alimentação sistemática e equilibrada e da ausência da prática de esportes. Um exemplo claro está posto no ensino remoto, imposto pela situação de pandemia, que determina que o professor aproprie-se e mantenha o sistema de ensino. Mesmo sem o apoio técnico necessário (MARINHO, (2020).

## **2 | CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR**

O trabalho na condição remota é a opção para que aconteça e, ao mesmo tempo, atenda aos protocolos sanitários determinados pelos órgãos públicos responsáveis.

Assim,

A educação, já fragilizada pela ausência de políticas públicas que a fortaleça, apresenta duras perdas nesse processo de remotização do ensino. Se para o docente as condições estão difíceis, para o estudante não é diferente. A universalização da educação passa a ser uma condição difícil de ser alcançada visto que muitos não possuem acesso à rede de internet e, quando o possuem, o computador, o celular, o smartphone é de uso comum/coletivo. A realidade social brasileira está repleta de multiplicidades de classes sociais (PONTES; ROSTAS, 2020, p. 282).

A pandemia tem causado uma crise na sociedade e traz a lume certas disparidades entre aqueles que detêm o poder capitalista e os que compõem a classe operária. Observa-se, então, que,

Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque

são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar, etc. (SANTOS, 2020, p. 23-24).

O operário trabalhador, assim, tem o foco em sua produção, sem perspectivas de melhorias financeiras. Essa realidade já era presente bem antes do aparecimento do vírus da Covid-19 e aumentada exponencialmente por sua chegada. O universo trabalhista se transforma, assim, de modo sistemático e real, trazendo sérias condições de instabilidade para os limites de interação no trabalho, dentro do contexto oferecido pelo capitalismo.

Fica patente a diminuição entre o tempo laboral e o tempo de descanso, limitando o trabalhador em seu prazer de contemplação (lazer, literatura, etc.), tão necessário para a saúde física e emocional do ser humano.

[...] Parece que, mais do que nunca, Marx estava certo quando via no tempo um elemento central para o capitalismo e, num sentido mais amplo, até para a economia [...] Nesse novo capitalismo no qual entramos há poucas décadas, o tempo assume preponderância ainda mais significativa. Entre outras várias coisas, porque a separação entre tempo de trabalho e tempo de descanso é cada vez menos nítida; evidentemente em prejuízo do tempo de descanso [...] (VEIGA-NETO, 2012, p. 9).

Com o excessivo tempo trabalhando, ocorre o prejuízo nas horas que deveriam ser reservadas propriamente para o descanso, o lazer, o sono e outras atividades se perdem no envolvimento com a produtividade. Em regime de confinamento domiciliar, essa tal produtividade ocupa a preocupação do docente, causando adoecimento emocional.

Sobre isso, Santos (2020, p. 6) destaca que,

Em cada época histórica, os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) e de antecipar ou adiar a morte são relativamente rígidos e parecem decorrer de regras escritas na pedra da natureza humana. É verdade que eles se vão alterando paulatinamente, mas as mudanças passam quase sempre despercebidas. A irrupção de uma pandemia não se compagina com esta morosidade. Exige mudanças drásticas.

E tais mudanças dão nova roupagem à história das pessoas e colaboram para que ocorram inúmeras situações extremamente comprometedoras. Dentre elas podem ser elencadas, por exemplo:

- adensamento do estado de depressão;
- surgimento de situações de estresse;
- ausência de contato social
- falta de trocas de afetividade;
- estado de isolamento familiar;
- exposição a situações que fiquem fora de controle;

- falta de amparo;
- humor oscilante;
- sensação de solidão;

Junta-se a essas possibilidades, a sobrecarga de trabalho com as atividades online, que agrupam: as aulas para lecionar, os cursos de formação para participar, a reformulação dos planos e ações pedagógicas a estruturar e a devida adaptação do perfil de trabalho presencial para o modelo remoto. O mundo escolar vive, com isso, as tensões que lhes são muito peculiares, com a satisfação, por um lado, de suprir a falta de aulas pelo trabalho remoto e, por outro, os desafios na concretização da aprendizagem.

Entende-se que o momento de confinamento deve chamar à reflexão mais profunda acerca dos limites e potencialidades profissionais, com o envolvimento de rotina domiciliar com dinâmica de trabalho no mesmo espaço físico, “misturando” família, filhos, casa, aulas, pesquisa e estudo particular. Neste novo padrão de vida e vivência, acontecem as ocorrências de adoecimento. Também se faz presente a precarização o trabalho do professor, pois se desconfigura a divisão de tempo e espaço para uma coisa e outra (trabalhar, ficar com a família, estudar etc.).

Faz-se necessário, então (GURSKI, 2020, p. 4),

[...] ampliar a dose de tolerância e paciência, flexibilizar combinações e exercitar a tolerância com as dificuldades que virão. [...] temos que pensar se não precisamos criar canais diferentes de escuta para que as pessoas possam fazer suas catarses e seguir adiante. Existe a necessidade de se escutar esses sofrimentos. As questões são coletivas, mas cada um vai responder da sua forma a essa situação complicada que estamos vivendo.

É imprescindível, nesse momento de excepcionalidade, que se dê valor ao profissional, mesmo que este seja acometido de doenças, por conta das circunstâncias experimentadas, pois entende-se que a pandemia não precarizou o trabalho do professor. Fez, sim, a constatação de uma condição já presente, mesmo que invisível, aparente, e exploração e aumento de trabalho, com pressão por resultados.

No mesmo contexto, a pandemia do novo Coronavírus se faz presente e tem mostrado evolução, com novas variantes, à proporção que o tempo vai passando, com a imprevisibilidade de solução definitiva. Os diversos níveis de ensino buscam adaptar-se melhor à nova realidade da educação remota. Impactos sociais ainda são incalculáveis.

Há, ainda, uma forte associação entre convívio social, reclusão, sobrecarga de trabalho, horários flexíveis, mudanças na prática pedagógica ao adoecimento mental do professor. Por outro lado, o docente ocupa um papel importante na difusão e mediação do conhecimento, o seu adoecimento físico e/ou mental pode causar danos a sociedade a curto, médio e longo prazo (PONTES; ROSTAS, 2020, p. 285).

Mencionando as condições já presenciadas por professores no período antecedente à pandemia, observa-se que já existia a carga excessiva de atividades e funções exercidas,

com cumprimento de demandas em tempo mais suprimido. Ocorre que, diante das novas condições, fica muito nítido o significativo aumento de funções e atividades a serem desenvolvidas pelos docentes. Outrossim, a eficiência do ensino remoto em condições epidêmicas se tornou uma verdadeira incógnita. Ainda não se tem conhecimento sobre certos pontos: quais serão os impactos do isolamento social para professores e alunos? Os modos de ensino são eficazes? São questões levantadas e sem respostas previsíveis.

Em meio às indagações, a figura do educador enfrenta uma quantidade considerável de problemas na esfera psicológica, física e emocional, com sensíveis prejuízos para o seu rendimento laboral, trazendo como consequência um *déficit* em sua atuação, restringindo as suas pesquisas e comprometendo a ministração das suas aulas. Caso não existisse a pressão, acredita-se que a fruição aconteceria em sua harmonia e normalidade, com a geração de resultados benéficos e não com o adoecimento das pessoas.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto da pandemia pelo do novo coronavírus sobreveio bastante forte a muitas categorias profissionais. E pode-se dizer que pegou em cheio a classe docente e a educação como um todo, abrangendo todas as suas áreas. E uma das pontuações fruto de debates pousa exatamente sobre a proposta de adaptação do modo de ensino presencial para o modo de ensino remoto. Tal discussão traz consigo alguns itens de relevância, os quais precisam de encaminhamentos certos. Um deles é que os interesses são diversificados, incluindo a busca de suprimento de perdas de receita financeira e aumento de despesas, por conta da condução de trabalhadores para o isolamento social.

Entre os educadores está o interesse pelo equilíbrio de sua saúde, ante o processo de adaptação e identificação com o recente modelo de trabalho. O receio de contrair o vírus com o convívio social, cancela, na contrapartida da situação, o contato físico, com a exclusão de não poucas pessoas, seja por falta de acesso à internet, seja por não possuir os dispositivos tecnológicos adequados, seja ainda por falta de domínio e conhecimento das técnicas de utilização dos meios. Pode ser, ainda, por motivo de adoecimento. Acontece, então, em meio a esta celeuma, o comprometimento da saúde mental do educador. Isto se torna quase que inevitável!

Como se consegue elaborar mecanismos de amenização dos impactos na vida do professor? Como atender ao respeito que se deve ter pelo horário de trabalho, de descanso, de alimentação, de lazer e de convívio familiar? É certo que o profissional da educação está nesta roda viva há mais tempo que o momento do surgimento da pandemia. Agora as implicações da adaptação ao ensino remoto têm aumentado o número de horas aplicadas ao trabalho. Há a impressão de preocupação mais intensa e maior foco no trabalho.

Faz-se necessário, então, que as classes docente e discente acordem de modo

claro as ações pedagógicas, a fim de, esclarecidas as funções e responsabilidades, haja a adaptação conjunta às novas estruturas de ensino e aprendizagem indicadas pelos sistemas. Essa pode ser a saída apontada para que se evite os processos que levam, à ansiedade, ao aumento da carga de comprometimento das funções de trabalho.

Toda a energia despendia no desenvolvimento profissional, primando pela qualidade e eficiência, carece de suporte, a fim de que as atribuições pessoais e particulares sejam também administradas. É claro que não é possível a permanência de uma rotina igual a que se tinha nos tempos anteriores à pandemia. No entanto, a manutenção de um ritmo equilibrado, que bem se esforce por respeitar os “tempos e modos” de vida e vivência do professor, podem colaborar em muito na qualidade de vida do mesmo.

Deste modo, é importante elaborar diretrizes, discutir as mesmas, bem como refazê-las mais de uma vez, sempre em busca da construção de um espaço ameno e tranquilo para exercer as funções de trabalho, sem a presença fantasmagórica da ansiedade, insegurança, medos e outros que podem desencadear enfermidades, sejam elas emocionais ou físicas.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Betyane Soares de. **Saúde mental do professor**: uma questão de sobrevivência profissional. Goiânia: Editora Philos, 2019.

CATINI, Carolina. **O trabalho de educar numa sociedade sem futuro**. Blog da Boitempo. São Paulo: jun. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/05/otrabalho-de-educar-numa-sociedade-sem-futuro/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

GURSKI, Rose et al. **Efeitos da pandemia na saúde mental**. Disponível em: <http://www.proifes.org.br/noticias-proifes/professoras-da-ufrgs-e-ufcspa-destacam-efeitos-da-pandemia-na-saude-mental/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARINHO, Genilson C. **A precarização do trabalho do professor em tempos de quarentena**: democracia e mundo do trabalho em debate. [Artigo de opinião]. Mai. 2020. Disponível em: <http://www.dmttemdebate.com.br/a-precarizacao-do-trabalho-do-professorem-tempos-de-quarentena/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

PONTES, F. R.; ROSTAS, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**, [S. l.], v. 18, n. ESPECIAL, p. 278-300, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Efeitos da precarização do trabalho na vida dos/as professores/as: assédio moral e adoecimento. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sônia da Cunha (Orgs.). **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor**. Teresina: EDUFPI, 2017. p.165-198.

VEIGA-NETO, Alfredo. Estar preparado: apontamentos para pensar a Universidade. In: MACIEL, Adriana da Rocha et al. (Org.). **Universidade hoje**: o que ainda precisa ser dito? Santa Maria: UFSM, 2012.